



O ensino de filosofia e sua relação com a literatura

POR JONES DE OLIVEIRA BARBOSA Y
TÂMARA FONSECA DA SILVA

jonesoliveira@live.com
tamarapedagogia@yahoo.com.br

A literalidade na filosofia e vice-versa

Discorrer acerca da literatura e da filosofia é, sem dúvida, uma tarefa instigante, haja vista a trajetória histórica desses dois ramos do conhecimento e a fusão, não raro, entre ambos.

Concordando com isso, Magalhães (2009, p. 48), ressalta que “constata-se que a relação entre filosofia e literatura não se restringe às formas literárias da filosofia ou à influência desta na literatura. Há momentos de verdadeira fusão entre uma e outra e nisto consiste também parte da história de ambas”.

No artigo *Partilhas do saber: diálogos entre Filosofia e Literatura*, o autor citado aponta o problema em delimitar fronteiras entre as teorias literárias e as abordagens filosóficas, enfatizando os saberes frutos da relação entre essas duas áreas. Para tanto, inicia as discussões por meio da filosofia platônica até os contemporâneos tais como Gadamer, Heidegger e Sartre. Compreende-se, a partir disso, que ao invés de conceber os discursos filosóficos e literários como opostos, conteúdos filósofos podem estar imersos nos literários e vice-versa.

Nesse sentido, o presente artigo primará, não pelo reducionismo entre conteúdo e forma dos discursos, mas o diálogo entre o saber filosófico e literário, pois conforme conclui Magalhães (2009), a constituição da Filosofia passa por uma tensão entre o literário e o científico, o que influencia também a própria literatura. Esse caráter ambíguo da filosofia pode apontar para uma conexão e não para um afastamento entre o teor filosófico e o formato em que ele é apresentado e disposto para o leitor. Em outras



palavras, pode-se conjecturar que, não obrigatoriamente, a poesia está para a forma e a filosofia para o conteúdo.

Para Gagnebin (2004, p. 11) “Uma abordagem bastante comum da problemática filosofia/literatura consiste em analisar a presença de teorias ou de doutrinas filosóficas na obra de um escritor ou de um poeta”. Ainda conforme esta autora, tal abordagem se propõe não apenas indicar os “conteúdos” filosóficos presentes, mas mostrar como esses conteúdos são transformados em “conteúdos” literários. Poder-se-ia dizer ainda que muitos conteúdos literários têm teor filosófico.

Nessa perspectiva, ao investigar o ensino de Filosofia e sua relação com a Literatura não faremos um paradoxo entre o que é do campo da poesia e o que pertence ao pensamento filosófico. Ao contrário, trataremos a literatura na filosofia e vice-versa como uma possível estratégia docente no ensino de Filosofia, evidenciando que alguns pensadores otimizaram a literatura em seus escritos filosóficos, pois, conforme, Gagnebin (2004), a concepção da literatura como escrita ornamental, fácil, supérfluo e a concepção da filosofia como algo de verdadeiro, mas difícil, incompreensível é um pensamento acrítico, dogmático e mesmo trivial das relações entre pensamento e linguagem: “como se o pensamento se elaborasse a si mesmo numa altivez soberana sem o tatear na temporalidade das palavras que, no entanto, o constitui.” (GAGNEBIN 2004, p.13).

Pode-se depreender, então, que os textos filosóficos têm, em geral, mais poesia do que se costuma reconhecer e que na poesia também pode ser identificado muitos pensamentos autênticos e rebuscados de filósofos, haja vista que o exercício de pensar não se realiza despido da ornamentação de palavras.

O movimento auto-reflexivo da filosofia sobre seu caráter de linguagem, seu caráter lingüístico, (*sprachlich*) no sentido amplo do termo, isto é, também sobre sua forma literária, permite, em termos de história da filosofia, uma leitura renovada, mais atenta à singularidade dos textos. (GAGNEBIN 2004, p. 14)

Nesse trabalho, buscamos essa leitura renovada e um olhar mais atento e crítico das relações entre pensamento e linguagem. Compreendemos, a priori, os discursos



filosóficos e literários como favorecedores da prática docente. Percebe-se, por exemplo, como os escritos de literatura são transformados em conteúdo filosófico e estes literários sem perder suas autenticidades. Conforme discutido por Magalhães (2009), a relação dada entre conteúdo dos escritos filosóficos e a forma de apresentação do pensamento em filosofia demonstra que há momentos em que o pensamento filosófico se dá através da literatura e a própria literatura faz uso dos discursos filosóficos.

Nesse sentido, mas sem intencionar a superação de um conhecimento pelo outro, poder-se-ia dizer que o pensamento original sem grandes pretensões, caracteriza a filosofia, já a literatura teria uma intencionalidade e preocupação com a compreensão do leitor, esteticamente.

Em *As formas literárias da Filosofia* compreende-se que esta, desde seu nascimento, oscila entre a 'Dichtung' (a criação poética no sentido amplo) e a 'Wissenschaft', a ciência. Ainda sobre essa posição imprecisa da Filosofia, Gagnebin (2004, p. 13), explica que:

Quando se aproxima demais da poesia, a filosofia envereda novamente para o lado da ciência - e quando esta última ameaça abocanhá-la, ela se volta novamente para uma dimensão de sabedoria mais poética. Esta observação tem o mérito de apontar para o estatuo ambíguo da atividade filosófica, desde seu início grego.

Segundo a autora, "a auto-reflexão da filosofia sobre sua *literalidade* não traz só proveitos metodológicos ou hermenêuticos. Mais fundamentalmente, remete a três conjuntos de questões". Dentre as citadas por Gagnebin, destacamos para o presente estudo a que remete a Filosofia e seu ensino:

A diversidade das formas literárias de textos filosóficos também indica uma separação entre dois tipos de exercício da filosofia: uma filosofia ligada especificamente ao ensino e uma filosofia como exercício de meditação ou de reflexão sem relação obrigatória com práticas pedagógicas institucionais. (GAGNEBIN 2004, p. 16).

Inúmeras são as maneiras que podem ser utilizadas para desenvolver uma atividade de ensino, e, sendo ela, filosófica, dar abertura a uma estética aceitável e de fácil compreensão, como a literatura, o que pode viabilizar o entendimento do conteúdo



filosófico. A partir desse entendimento, nos detemos para as abordagens sobre o primeiro exercício da filosofia: *uma filosofia ligada especificamente ao ensino*.

Conforme já dito, a relação entre conteúdo e forma demonstra que há momentos em que o pensamento filosófico se dá através da literatura e esta faz uso dos escritos de filosofia. Daí poder-se-ia falar em uma fusão e possíveis diálogos com o recurso literário que possibilitam esclarecer, ao educando, o conhecimento filosófico estudado e, ao mesmo tempo, evidenciando a literalidade da Filosofia e seu aspecto científico.

Falar das formas literárias da filosofia adquire um sentido precioso. Não se trata de estudar alguns aspectos formais episódicos, mas sim de refletir sobre este estatuto ambíguo do discurso filosófico e, mais especificamente, de explicitar a íntima relação entre formas de exposição, de apresentação, de enunciação - Darstellungsformen - e a constituição de conhecimento (s) ou de verdade (s) em filosofia.

O pensamento original, característico da filosofia, é um conjunto de ideias que não são definitivas. Na filosofia nada está pronto, acabado, mas tudo pode ser repensado, questionado e transformado conforme a percepção e argumento de seus pensadores. Os conteúdos filosóficos, em sua maioria, são textos complexos, ou seja, discursos rebuscados, o que torna comum a utilização de comentadores, como apoio para que as questões de filosofia sejam compreendidas.

A abstração é típica dentro do pensamento filosófico. Assim, otimizar outras formas de apresentar um pensamento que interajam – e muitas vezes ultrapassam – com a disciplina estudada faz-se jus o uso da literatura. As formas literárias estão mais presentes na filosofia do que se costuma identificar, ambas estão relacionadas. A poesia, os diálogos, o fragmento, no contexto educacional não se configuram como recursos triviais no exercício filosófico. Especialmente na Filosofia contemporânea, a forma diz muito sobre o conteúdo filosófico. Sobre isso, vemos o que diz Gagnebin (2004, p.20):

Algumas formas literárias bastantes fortes da filosofia contemporânea como o ensaio, o aforismo, o fragmento tentam, em oposição crítica à concepção totalizante dos grandes sistemas clássicos, tematizar na própria exposição, na própria apresentação, este real só se mostra (Wittgenstein) quando se desenha a figura de sua ausência. E ali, neste lugar paradoxal, nesta figuração da ausência,



filosofia e literatura contemporâneas, como todas as suas diferenças, certamente se encontram.

Nessa perspectiva poder-se-ia questionarmos: Porque não pensar a partir de personagens? O próprio Platão personifica seus escritos chamados de *Diálogos*. A literalidade usada por Platão representa um caminho escolhido para se chegar ao conhecimento. Isso demonstra como o ensino de filosofia pode otimizar a literatura como forma de explanação do conteúdo filosófico e que este pode ser encontrado dentro de várias tipologias textuais.

Para Aristóteles, por sua vez, a poesia é mais filosófica e mais elevada do que a história, ou seja, enquanto a história diz sobre coisas que já aconteceu, a poesia fala do que poderia suceder. A poesia tem um olhar totalmente filosófico. Sobre as formas literárias da Filosofia, Gagnebin (2004, p. 11) analisa que “uma abordagem bastante comum da problemática filosofia/literatura consiste em analisar a presença de teorias ou de doutrinas filosóficas na obra de um escritor ou de um poeta.” A autora ainda ressalta para a importância de não apenas identificar, mas analisar como os conteúdos filosóficos são convertidos em conteúdos literários. Isso implica considerar a filosofia e a literatura em perspectivas mais amplas.

A transversalidade na filosofia: uma perspectiva inovadora

O professor Dr. Miguel Almir Lima de Araújo introduziu em seu livro *Sertania* (2013), conhecimentos que permeiam a filosofia, educação e cultura. O desenvolvimento da pesquisa original do livro se dá a partir dos seguintes referenciais teóricos: Fenomenologia; Hermenêutica simbólica; Antropologia do imaginário e do símbolo e das Metodologias qualitativas. O mesmo salienta que “estes referenciais estruturam-se como horizontes abertos e pluralistas de compreensão que procuram entrelaçar, de modo in-tensivo, com rigor e com vigor, objetividade e subjetividade, ciência e consciência, intuição e razão” (ARAÚJO, 2013, p. 13-14).

A busca da compreensão do ser não é um exercício fácil. De antemão, podemos dizer que o resultado demonstra a ideia do inacabado e o movente, ou seja, as expressões são fins do cotidiano e mutável conforme a vida se dá. No que se refere aos modos de ser do



povo sertanejo e suas artes, pode-se falar que analisar suas músicas; festas; poesias; imagens; vestes; ditados, enfim, sua cultura, é uma forma de verificar empiricamente os significados obtidos na vida pelos sujeitos do sertão e que são associados, objetivamente, em suas manifestações. “Saber origina-se de *sapere* que conota sabor, gosto. Portanto, um saber imbuído e plasmado na nervura da carne do vivido, do experimentado nas intensidades das complexidades e dos paradoxos do existir humano” (ARAÚJO, 2013, p. 13-14).

Quem observa consegue dar significados àquele/àquilo que é traduzido em qualquer tipo de arte. “O sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes significados (CHIZZOTTI, 1998, p. 79)”. O povo sertanejo imprime em suas manifestações o que eles viram na vida, o que foi compartilhado por seus antepassados, o que eles veem e também o que eles esperam da vida. Essa é uma filosofia transversal, do homem contemporâneo do sertão. A expressão do ser na forma mais verdadeira e “in-tensiva”, como diz o próprio professor Miguel Almir.

Em entrevista com este pensador, ficou evidente que o conceito de filosofia formadora de uniforme idealidade foge do que se detém a filosofia, ou seja, não dá conta de sua complexidade. Segundo o professor Miguel, muitos estudiosos se focam em um único caminho de conhecimento; fecham horizontes focando seus estudos em apenas um filósofo, tornando-os “deuses para si”. Entretanto, “todos são homens sujeitos às mesmas intempéries da vida como qualquer um. A filosofia é multiforme, policromática, possui várias nuances. Seguir apenas um viés é deixar de fazer filosofia.” (ARAÚJO, entrevista 2014).

Nota-se que este modo de fazer filosofia do citado professor é bastante pertinente se analisarmos que os maiores filósofos percorriam por várias linhas de conhecimento, a saber: a ciência, matemática, física torna-se indispensáveis à construção do conhecimento filosófico. A poesia – e principalmente ela –, nesse contexto também não se separa da filosofia, ambas, caminham juntas desde sua gênese.



Concordando com isso, Araújo (2014) aponta que a literatura é uma forma de transmitir conhecimentos filosóficos de maneira mais encantadora, lúdica, tornando conhecimentos universais. Aproximando às pessoas ao conhecimento. Assim, pode-se depreender que a modo de filosofar e ensinar deste pensador não é dogmatizar um filósofo, mas, por meio da literalidade da filosofia, torná-la mais cotidiana às pessoas. Sobre este modo inovador de fazer filosofia, Petronílio (2011, p 52) considerando os escritos deleuzianos, expõe sobre o ato de criação:

Perguntar pela linguagem é perguntar pela vida. Desse modo, Literatura-linguagem e vida formam uma trilogia, um único platô que compõe esse complexo agenciamento que chamamos de arte Literária. É abusando e lambuzando com a linguagem que cada escritor é capaz de fazer um mundo possível emergir. A literatura é um agenciamento político. É uma máquina de guerra.

O filósofo Miguel Almir pretende em seus estudos, livros e pesquisas, junto com a antropologia e a ontologia, encontrar expressões singulares do ser, revelando, assim, uma filosofia contemporânea. Não como um método fundamental. Ela deve ser uma “expressão carnal, visceral, movente e cotidiana”.

Fazendo uso de poesias, literatura de cordel e manifestações do homem para tornar sua filosofia completamente transversal às demais áreas, o referido docente trabalha, propositalmente, com escritos de filósofos que não são usualmente utilizados. Assim, sua intenção é mais que servir à cultura acadêmica, é transgredir a forma “engessada” do saber filosófico.

O pensamento crítico deve, assim, sempre fazer parte da construção do pensamento filosófico. Quando o fundamentalismo supera a criticidade, a filosofia torna-se nula. Pois haverá apenas reprodução de pensamento, o discurso filosófico deve, portanto, permear a criatividade, originalidade e não o senso-comum.

Experiência no ensino de Filosofia utilizando-se a literatura.

Na intenção de propor uma prática de ensino a partir dos conhecimentos presentes neste artigo e buscando relacionar filosofia com literatura, utilizamos o livro *A Paixão segundo G.H.* da escritora contemporânea Clarice Lispector em uma atividade prática. O



intuito foi demonstrar como a filosofia e a literatura podem ser utilizadas no ensino de filosofia. Trabalhamos conceitos como *angustia, responsabilidade, solidão, existência, o eu e o não-eu*, temas, esses, relatados por G.H., personagem do livro, e os relacionamos com o existencialismo do Jean Paul Sartre.

A partir dessa experiência com a literatura notamos o quanto pode ser rica a prática do ensino de filosofia que interage com o discurso literário. Por meio de diálogos, comparações ou mesmo para explicar a própria filosofia, o texto literário é capaz de fornecer ferramenta para compreensão do conteúdo filosófico. E porque não dizer que algumas literaturas também não se tornam textos que contenham conhecimentos filosóficos? A filosofia em si já é um tipo de literatura, uma vez que é um modo próprio de transmitir pensamentos. Falta criticidade a concepção de que a literatura só serve para exemplificar ou esclarecer um pensamento filosófico, visto que a literatura pode conter um teor filosófico em seus textos.

Gilles Deleuze é um percussor dessa *não filosofia*. Ele propõe que o pensamento, também, acontece nas representações. Esse modo de estudar o pensamento foi denominado como a filosofia da diferença. Petronílio entende que em Deleuze todo aprendizado está diretamente relacionado à natureza dos Signos.

Pensar é deixar ser violentado pelo signo que rouba a nossa paz, que violenta o pensamento. A literatura é uma força. É uma potência de devires que nos força-a-pensar. A Literatura como agenciamento maquínico, é o que faz o homem se metamorfosear até um devir imperceptível. (PETRONÍLIO, 2011, P 51).

Atentando-se especificamente à literatura dentro das produções textuais filosóficas percebe-se que há mais literalidade em alguns filósofos em relação a outros. Vejamos o exemplo de Nietzsche que dispõe da poesia e poemas em suas obras, Rousseau em *O Emílio* e *A Nova Heloísa que expõe* seus pensamentos em forma de romance e Platão em *Fedro, Fedon, O Banquete* em modo diálogos.

Entende-se o ato de filosofar como um ato, também, de criação, vale observar as palavras de Petronílio (2011) quando cita que:



É a literatura a quintessência da vida. Quem escreve faz um pacto com a linguagem. Pactuar é dar um certo sentido à vida. Escrever é dar sentido à vida. É a própria vida que flui na escrita e faz com que o homem se redescubra e se reconheça no processo de criação. Criar é aligeirar, é descarregar a vida. É inventar novas possibilidades de vida.

Não apenas Nietzsche, Rousseau e Platão, mas vários outros filósofos utilizam a literatura como forma textual. Em toda a história da filosofia podem ser encontrados discursos escritos que de alguma forma está ligada à literatura, ou seja, não existe nenhum texto que não se utiliza de artifícios para sua construção, considerando, para tanto, que escrever é uma arte.



Referências

ARAÚJO, Miguel Almir lima de. *Sertanias: sabenças de uma saga agridoce*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013;

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1998;

GAGNEBIN, Jeanne Marie. In: SOUZA, Ricardo Timm de, DUARTE, Rodrigo (Orgs). *Filosofia e Literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004;

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998;

MAGALHÃES, Antônio. Partilhas do saber: *Diálogos entre Filosofia e Literatura*. In: Revista Páginas de Filosofia, v. I, n. 2- p. 47 - 59, jul/dez 2009;

PETRONÍLIO, Paulo. *Literatura, Vida e Linguagem em Gilles Deleuze*. Guará, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 50-69, jan./jun. 2012.